

BEATRICE ARRAES

PASSOU

UMA *nuvem*

CURADORIA LUCAS DILACERDA

01

**Abertura:** Sábado, 18 de novembro, de 10h às 13h

**Local:** Galeria Leonardo Leal

**Endereço:** Rua Visconde de Mauá, 1515 - Meireles

**Período em cartaz:** 18 de novembro à 22 de dezembro de 2023

**Horário de funcionamento:**

Terça à sexta - 12h às 20h

Sábado - 10h às 13h

**Telefone para contato:**

(85) 3111-5378

## 02 **Artista usa a pintura para discutir questões atuais por meio de paisagens poéticas**

"Passou uma nuvem" é a primeira exposição individual da artista Beatrice Arraes, que há alguns anos vem desenvolvendo uma pesquisa em pintura sobre o design popular e as transformações históricas da paisagem. Nesta exposição, a artista amplia a sua pesquisa para outros suportes e linguagens - tais como o desenho e a escrita - desdobrando a sua investigação para novos temas como mudanças climáticas, inconsciente, espiritualidade e natureza. Para isso, a exposição apresenta um recorte de quase trinta obras inéditas, produzidas em 2023, nas quais a artista explora uma variedade de técnicas e materiais tais como óleo, carvão, linho, madeira etc.



Ateliê da artista  
Foto: Marília Camelo



Artista Beatrice Arraes  
Foto: Marília Camelo

# 03 Dar vazão aos nossos vulcões

Lucas Dilacerda  
Curador

Uma rua deserta ao meio dia. O sol a pino ilumina tudo com um clarão de luz que arde os nossos olhos. Apenas o silêncio, a solidão e um calor que sobe pelo chão seco do asfalto. De repente, uma nuvem vem se aproximando. Ela faz um desenho de sombra que se movimenta a cada passo. O sol desaparece e tudo fica escuro. Chove sem parar. As pessoas somem e os rios que achávamos estarem mortos renascem do subterrâneo. Vulcões brotam do chão e emanam um brilho de uma chama em erupção. É chegada a hora de reaprender a viver de outra maneira.

"Passou uma nuvem" é a primeira exposição individual da artista Beatrice Arraes, que há alguns anos vem desenvolvendo uma pesquisa em pintura sobre o design popular e as transformações históricas da paisagem.

Nesta exposição, a artista amplia a sua pesquisa para outros suportes e linguagens - tais como o desenho e a escrita - desdobrando a sua investigação para novos temas como mudanças climáticas, inconsciente, espiritualidade e natureza. Para isso, a exposição apresenta um recorte de quase trinta obras inéditas, produzidas em 2023, nas quais a artista explora uma variedade de técnicas e materiais tais como óleo, carvão, linho, madeira etc.

A exposição nasce de um texto escrito pela artista, no qual ela fábulas uma cidade equatorial sendo invadida por uma nuvem que bloqueia o sol e, assim, provoca transformações radicais na paisagem, desde o desaparecimento da humanidade até o aparecimento de vulcões e aquíferos que possibilitam que a energia aprisionada e acumulada no subterra-

neo possa, enfim, emergir para a superfície.

A narrativa alegórica - repleta de metáforas, simbologias e signos - retrata a paisagem que habita dentro de nós: a chuva que lava a nossa alma e os vulcões que nascem sobre a nossa pele. O nosso corpo é uma paisagem em transformação, na qual as nossas crises climáticas são também crises existenciais. Beatrice Arraes usa a pintura como um estudo sistemático dos diferentes tipos de chuva que habitam a nossa subjetividade e observa por diversos ângulos os vulcões que nascem para dar vazão às energias guardadas no fundo de nossas existências.

As obras em pequenos formatos revelam grandes intensidades. Se antes a História da Arte chamava de sublime as obras colossais e infinitas que causavam um impacto na nossa percepção, agora Beatrice Arraes escreve uma nova página dessa história ao reinventar e criar um novo tipo de sublime: o sublime onírico. As suas obras em pequeno formato nos fazem sentir um sublime onírico, no qual a

percepção é enfeitiçada fazendo-nos sonhar de olhos abertos, borrando assim as fronteiras entre realidade e imaginação. A técnica das zonas cinzas explora uma penumbra onírica que só existe entre a luz do sol e a sombra da nuvem. A nuvem faz desaparecer a localização do sol, tornando o sentido e a direção da fonte de luz natural ocultada, causando a sensação de desorientação geográfica e psíquica.

O sublime onírico de Beatrice Arraes nos causa uma sensação de desorientação espaço-temporal, na qual não sabemos nem onde e nem quando aconteceram aqueles fenômenos naturais. Em suas obras, não sabemos se é de dia ou de noite, se está amanhecendo ou anoitecendo. Elas acontecem em um tempo etéreo, sem começo nem fim. As imagens ora primitivas ora pós-apocalípticas dançam entre a indefinição do passado e do futuro. Não sabemos se são imagens do que aconteceu ou do que acontecerá.

As imagens são excessivamente familiares. Ao vê-las, parece que elas já habitavam dentro de nós, incrustadas no quintal de nosso inconsciente.

A artista faz um giro na psicanálise. Não se trata mais de um “estranho familiar”, mas sim de um familiar que é tão familiar que se torna estranho: um “familiar excessivamente estranho”.

A artista dá expressão às imaginações da matéria. As imagens que vemos são memórias ancestrais de quando éramos uma gota de água no oceano. O carvão é a matéria queimada em pó, mas é também o mineral que em milhões de anos é lapidado e se torna um diamante no vulcão. Beatrice Arraes foi a chuva que me molhou quando eu fui árvore. Suas obras são memórias de um tempo primal daquilo que fomos e daquilo que sempre seremos.

Despovoar para repovoar. Essa é a fórmula poética dos trabalhos da artista. Se a artista despovo a imagem não é para produzir uma ausência. O vazio de suas obras são sempre aberturas para serem preenchidas por novas forças germinativas da natureza. Por isso, a solidão presente nas obras de Beatrice Arraes é sempre uma solidão povoada. A tempestade despovo a humanidade. A ruína é o alimento da

natureza. A miragem é o que nos move no deserto

Por isso, a exposição é um convite para levantarmos a cabeça e olharmos o movimento das nuvens. Seguí-las, se possível. É um convite para encontrar as nossas nuvens e tomar banho na chuva que elas carregam. Regar o nosso corpo para ver brotar vulcões. Dar vazão a todos os nossos medos, angústias e não ditos. Tornar-se a paisagem que queremos ser.



Curador Lucas Dilacerda  
Foto: Marília Camelo



Curador e artista  
Foto: Marília Camelo





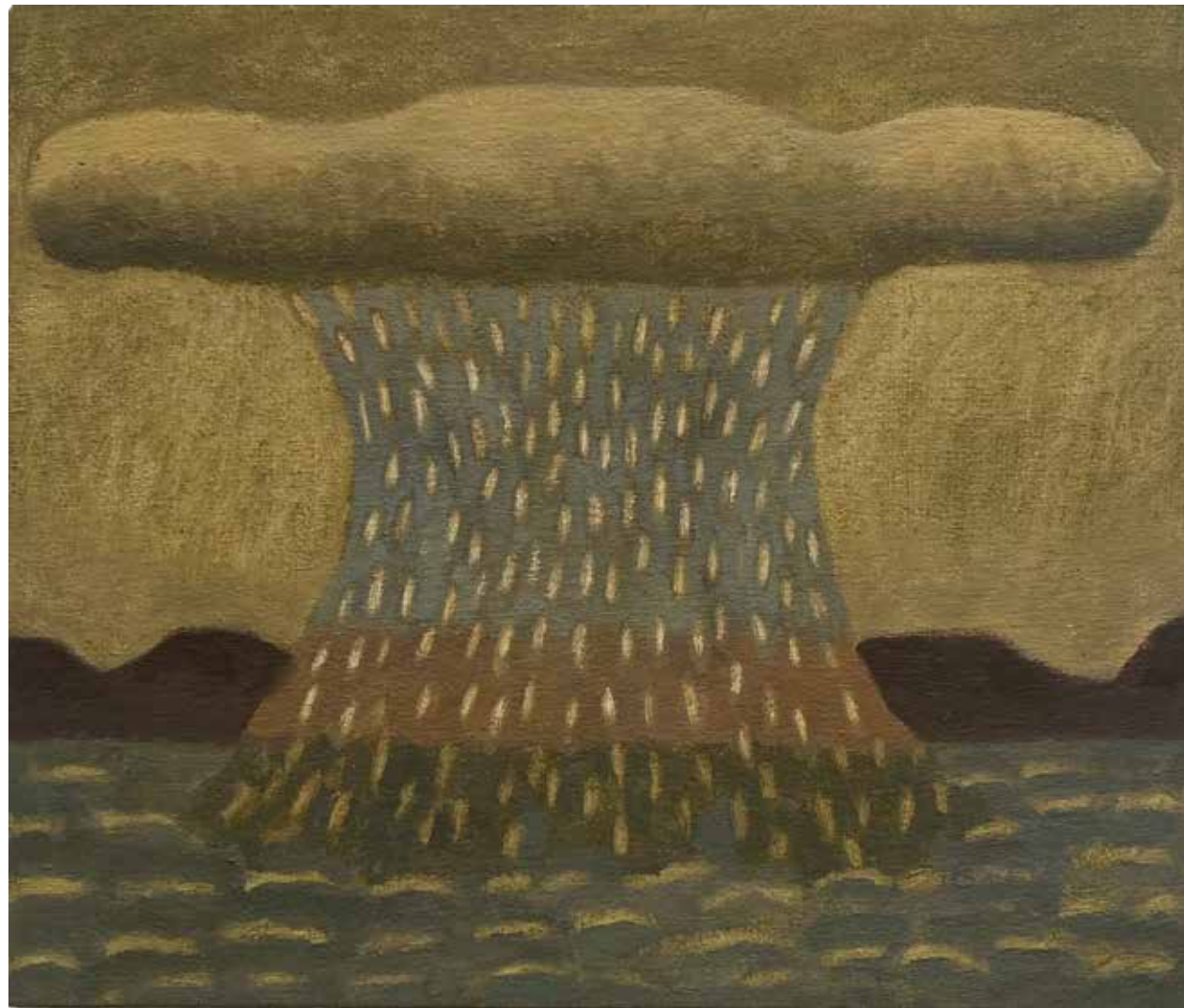
Vulcão no.1  
Foto: Marília Camelo

.



Praça de Acopiara  
Foto: Marília Camelo

.



Chuva no mar  
Foto: Marília Camelo

.



Vulcão no.1  
Foto: Marília Camelo

.

# 04

## Minibio da artista

Beatrice Arraes (1998) nasceu e vive em Fortaleza, Ceará. Possui graduação em Design pela UFC com intercâmbio na Universidade de Belas Artes de Salamanca. Seu trabalho transita entre o desenho e a pintura e atualmente se volta a explorar imagens que se relacionam diretamente com as noções de memória, apagamento e as interferências ambientais de uma cultura global versus local na paisagem. Para isso, o ato de traçar diferentes rotas de caminhadas pela sua cidade é impulsionador na formação de paisagens ambíguas e cenas cotidianas deslocadas de seu contexto, envoltas de nuances gradativas de cor e áreas mais afirmativas, criando um clima de mistério e familiaridade. Além disso, a tensão entre o popular e o erudito encontra-se presente no trabalho a partir da combinação entre o estudo de expressões locais e cotidianas e referências colhidas diretamente na história da arte antiga. Participou do 74º Salão de Abril, da exposição coletiva “Máscara, Maré, Memória” em São Luís, MA. Em 2023, teve seu quadro doado para o acervo do Museu de Belas Artes no RJ. Neste mesmo ano, fundou um ateliê coletivo e independente com mais 3 jovens pintores de Fortaleza, o Ateliê Cinco Sete.

# 05

## Minibio do curador

Lucas Dilacerda é Curador e Crítico de Arte. É coordenador da CAV - Curadoria em Artes Visuais; do LAC - Laboratório de Arte Contemporânea; e do LEFA - Laboratório de Estética e Filosofia da Arte. Foi professor convidado de “Estética” e “História da Arte” dos Cursos Técnicos do Instituto Dragão do Mar. Foi curador de mais de 20 exposições, entre elas a Bienal Internacional do Sertão; "Se arar", na Pinacoteca do Ceará; "Reflorestamento", no Museu de Arte Contemporânea, e diversas outras exposições coletivas e individuais. Graduado e Mestre em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, com distinção Summa Cum Laude, pela Universidade Federal do Ceará; Graduando em Artes Visuais, pela UECE; e Mestrando em Artes, pela UFC. Ministrou mais de 60 cursos e 180 apresentações em diversas instituições de arte do Brasil. Possui mais de 30 textos, críticas de arte e artigos publicados. É autor do livro “Pensamento alienígena: a fabulação de novos mundos possíveis”.

# 06 Galeria Leonardo Leal

Somos uma Galeria de Arte Contemporânea, instalada em Fortaleza, com a proposta de dar espaço à produção artística local, assim como, de trazer para a cidade o que está dominando o cenário artístico nacional. Dispomos de instalações amplas, rico acervo e uma seleção curada de artistas, propiciando uma ótima experiência de imersão no universo das artes.